

AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO ENSINO DE INGLÊS NA EJA

Paulo Sóstenes Silva Nascimento¹

Joice Pereira Belém²

Waldir Kennedy Nunes Calixto³

Jaquecilene Alves da Silva⁴

Orientador: Prof. Dr. Leônidas José da Silva Júnior⁵

¹Universidade Estadual da Paraíba, UEPB- paulofrantaine@gmail.com

²Faculdade Maurício de Nassau, FMN- joice.pereira777@gmail.com

³Universidade Estadual da Paraíba, UEPB- kennedycalixto@gmail.com

⁴Universidade Estadual da Paraíba, UEPB- jaquecilenealves709@gmail.com

⁵Universidade Estadual da Paraíba, UEPB- leonidas.silvajr@gmail.com

Resumo: O presente artigo foi construído através de uma revisão bibliográfica que visava identificar as dificuldades de aprendizagem de inglês na modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos). Através das através destas revisões foi desenvolvido o embasamento teórico, que enfatiza a realidade sociocultural dos alunos e a melhora da prática de ensino pelas dificuldades que foram apresentadas. Nessa pesquisa foi visto a importância de conhecer os obstáculos enfrentados por um aluno EJA ao se deparar com uma língua estrangeira, e as barreiras sociais, políticas e culturais. O professor de inglês precisará trabalhar essas questões e inseri-las através de uma segunda língua na sala, aliando os processos socioculturais tendo em mente que esse determinado público apresenta outras dificuldades relacionadas a outros processos de aprendizagem do que um aluno de ensino fundamental que está em contato o tempo todo com uma língua estrangeira. Este trabalho deteve-se em analisar as dificuldades de aquisição de aprendizagem relacionadas as quatro habilidades: Ouvir, Falar, Escrever e Ler. Além disso destacamos os problemas enfrentados pelos alunos que passaram desde o cansaço físico e mental; a consciência de si mesmos pois acham-se velhos para aprender o inglês como uma ferramenta moderna e a ausência da motivação, que é de crucial importância para a autonomia e confiança. O objetivo desse trabalho foi identificar os processos de dificuldade de aprendizagem que contribuem para que o ensino de inglês na EJA não seja eficaz, sendo desvalorizado e não tão produtivo, fazendo com que este trabalho apresente o caráter de diagnóstico educacional dos alunos EJA e como o professor poderá intervir no desenvolvimento deste aprendiz.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Aprendizagem, Língua inglesa.

1 INTRODUÇÃO

Por bastante tempo, o processo educacional sofreu várias mudanças, algumas positivas e outras negativas. Uma mudança que certamente ampliou os processos de ensino e os espaços educacionais foi a modalidade EJA, mais do que isso, era uma nova porta que se abria para aqueles que não tinham condições de estudar, que não concluíram os estudos, e outros porque o cansaço do trabalho pesava em suas costas. O EJA não só trouxe a educação para um nível diferente, abrindo as portas para jovens, adultos e idosos que não tiveram acesso à escola, mas também aos que não concluíram seus estudos, pois trouxe a educação até eles.

Porém a EJA ainda sofria com um determinado detalhe; detalhe esse que circundavam o ensino básico e regular da época: a realidade do aluno. Muitos livros da EJA até possuíam imagens de coisas que não correspondiam as imagens da região que o aluno conhecia e outras vezes o ensino era totalmente voltado a uma classe determinada de alunos que necessitavam dominar outros conhecimentos, para ter uma base anterior. Nesse contexto, surge Paulo Freire, que traz uma nova concepção do ensino em que o aluno da EJA, não vai atrás da educação, mas a educação vem até ele, a educação molda-se a realidade do aluno e dá um sentido maior, uma prática maior a seu mundo.

Depois deste processo revolucionário temos, em 1996, na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) um processo que inicia a obrigatoriedade do Inglês na sala de aula, a partir daí o ensino de língua inglesa seria uma matéria de grande importância permeando o ensino fundamental e médio, chegando até a educação de jovens e adultos. Com uma prática nova e sua obrigatoriedade, o ensino de inglês passou por diversas modificações de métodos de ensino, como o método áudio lingual ao qual foi gerado na segunda guerra mundial e o recente método comunicativo.

O ensino de inglês visava uma “americanização” ou uma absolvição de “culturalidade” pelo indivíduo, que representava os processos de dominação global, imposta pelo continente americano como potência mundial. Nesta feita há uma busca pelos melhores métodos para que o Brasil, o país dominado, absorva essa globalização. Porém muitos problemas aconteceram com a inicialização dos processos de ensino de uma língua estrangeira: o desinteresse escolar, a evasão escolar, a falta de materiais didáticos, a despreparação dos professores em relação ao ensino de inglês, principalmente na Educação de Jovens e Adultos, que permanecia extremamente difícil interligar a importância do inglês para suas vidas. Para que possamos falar dessas dificuldades, precisamos

lembrar que o ensino de inglês na maioria das vezes era voltado ao método gramaticista, onde a organização das palavras e frases era mais importante do que o uso e a prática da língua, priorizando os aspectos morfológicos da língua estrangeira, tornando o ensino de inglês cansativo, mecânico e metódico.

As dificuldades apresentadas por um aluno normalmente são diversas, no entanto, quando falamos de alunos EJA esses problemas acabam se intensificando, principalmente quando falamos da necessidade do aprendizado de língua inglesa. Um aluno, seja do ensino fundamental ou médio, possui dificuldades de origem social, cultural, econômica, e além dessas dificuldades, ele luta contra os estereótipos de que já está velho para estudar, dificuldades em chegar na escola, o cansaço do dia, pois muitos trabalham, e seus próprios conceitos sobre si mesmos como pessoas que “não conseguem aprender coisas difíceis” ou quando dizem para si mesmas que estão já ultrapassados, que essas coisas são para pessoas mais novas.

Esses conceitos, estereótipos e dificuldades, tentam bloquear suas aquisições de aprendizagem, e além disso a evasão escolar ou outro fator social. Por acharem difícil a disciplina, muitos desistem, principalmente pela falta de motivação e isso com certeza poderá acontecer no ensino de língua inglesa e em outras modalidades que sofrem ainda um pouco esse processo de marginalização e rejeição da língua estrangeira.

Esse artigo, portanto, tentará elencar os processos de dificuldade na aprendizagem ao começar pelo incentivo escolar, que muitas vezes está associado a diversos fatores econômicos, sociais e culturais. Vale salientar também que esse trabalho pretende se deter aos processos de dificuldade apresentados na língua inglesa, visando as deficiências de aquisição de aprendizagem nas quatro habilidades, Fala, Escuta, Leitura, Escrita e a mais recente; Tradução e sua utilização e importância no ensino da EJA, ao qual é ainda mais difícil penetrar, pois se as matérias curriculares já sofrem uma espécie de evasão escolar por parte do EJA, com o inglês isso se torna ainda mais intensificado e quando falamos em aquisição de aprendizagem precisamos parar, refletir e pensar na melhor forma de conseguir nossos objetivos na sala de aula, ampliando as capacidades escondidas em cada câmara mental de nossos alunos Jovens e Adultos.

2.0 METODOLOGIA

Este trabalho consiste em uma revisão de cunho bibliográfico que foi realizada através de pesquisas e da busca de autores para a fundamentação teórica das ideias, propostas, hipóteses e confirmações de teorias e experiências acadêmicas que aconteceram ou acontecem neste momento.

Para que esta revisão seja construído, segundo (GIL, 2008) este trabalho será desenvolvido através da fundamentação de material já elaborado, ao qual poderá constituir-se de livros, artigos científicos, revistas, jornais que darão a fundamentação teórica dando um peso científico e explicativo ao que for aqui apresentado.

Este trabalho terá portanto o caráter também de pesquisa exploratória pois segundo (GIL, 2008) a pesquisa exploratória irá proporcionar uma familiaridade com o problema a fim de explicá-lo, também demonstrar alguns fatores que contribuem para que ocorram os fenômenos de “não compreensão do inglês” como uma trava de aprendizagem, aprofundando um pouco na realidade dos alunos EJA explicando de uma forma resumida a razão de alguns fatores.

3.0 A HISTÓRIA DA EJA

Ao falarmos da EJA precisamos entender que quando os Portugueses chegaram ao Brasil, procurou-se oferecer uma educação para os nativos modernizarem-se e uma forma de realizar tal feita seria introduzir a educação religiosa; abordada pelos jesuítas como uma espécie de educação popular. A educação trazida pelos jesuítas teria um aspecto dominador sobre os povos primitivos desta terra recém descoberta. Após esse período surgem as reformas pombalinas que emergem através da expulsão dos jesuítas e trazem uma educação voltada ao estado.

Traçando uma ordem cronológica teremos em: (1500-1759) a educação dos jesuítas, de finalidade dominadora, que fazia uso da fé e não necessariamente de conhecimentos científicos, e (1759) inicia-se o período do Marquês de pombal organizando cada escola de acordo com as necessidades que o estado demonstrava. Confirmado por Ghiraldelli Jr. (2008, p.24) quando mostra a educação brasileira dando os primeiros passos ao final dos regimes das capitanias, para ele:

A educação escolar no período colonial, ou seja, a educação regular e mais ou menos institucional de tal época, teve três fases: a de predomínio dos jesuítas; a das reformas do Marquês de Pombal, principalmente a partir da expulsão dos jesuítas do Brasil e de Portugal em 1759; e a do período em que D. João VI, então rei de Portugal, trouxe a corte para o Brasil (1808-1821)

Desta forma podemos perceber o caráter político, presente na EJA através da corte portuguesa e dos interesses do estado. Percebemos também questões culturais e sociais, que traziam a necessidade da educação ser cada vez mais popular. A EJA, é uma educação popular no sentido de que quando nos referimos a educação popular, devemos entender o aspecto “educação para todos” onde todos podem ter acesso à educação e “educação de todos” ou seja o ensino, as disciplinas e as metodologias não deveriam ser necessariamente ligadas a religião ou ao estado, mas ao povo, as suas necessidades, dúvidas e anseios.

Sendo assim esta educação deveria conter o conhecimento popular e transformá-lo, moldá-lo em algo a evoluir a fim de que o sujeito sinta-se parte de um todo mais contextualizado e compreensível. Em meados de 1870, são criadas as escolas que funcionariam a noite; uma grande evolução para o ensino. Estas escolas foram criadas em vários locais que tinham um público composto por jovens e adultos que buscavam avidamente aprender. A EJA precisava se



desenvolver, a educação popular deveria ser cada vez mais para a população de várias classes e essa preocupação com a educação voltada para o povo é um discurso antigo, segundo Sorares (2002, p.8):

“No Brasil, o discurso em favor da Educação popular é antigo: precedeu mesmo a proclamação da República. Já em 1882, Rui Barbosa, baseado em exaustivo diagnóstico da realidade brasileira da época, denunciava a vergonhosa precariedade do ensino para o povo no Brasil e apresentava propostas de multiplicação de escolas e de melhoria qualitativa de Ensino.

Através deste discurso de Rui Barbosa, os problemas estavam relacionados não somente a precariedade do ensino ou das escolas noturnas, mas de tudo que se referia as estruturas e metodologias de ensino da educação do país para o povo. Suas propostas principais seriam a melhoria da qualidade de ensino, onde era visível a diferença de uma educação popular para uma elitista, e a multiplicação das escolas, onde favorecia o acesso para população em áreas que desde então necessitavam ser alfabetizadas. Precisava-se de mais escolas noturnas onde poderiam sentir-se socialmente integradas ao novo mundo das letras que as cercavam.

Desta forma dois temas que não andavam muito bem juntos pelo índice de críticas da época deveriam dar as mãos, são estes: a educação e a sociedade. Esta relação iniciava-se através do conceito de cidadania e a formação de cidadãos para uma educação libertadora, que veio através de Paulo Freire (1967) que estava sempre desejando a busca do conhecimento através das experiências vividas pelos alunos através de temas geradores, em prol das grandes descobertas sobre si mesmo enxergando a vida de forma crítica e reflexiva

Depois dessa grande mudança também inicia-se no Brasil o golpe militar que trouxe consigo a ditadura e a criação de um novo programa de alfabetização em massa o MOBREAL, afim de extinguir todo o analfabetismo brasileiro. Mesmo com as mudanças do Mobral em 1980, em 1985 o Mobral foi extinto e o Brasil apresentava ainda vários casos de analfabetismo. É criada então a Fundação Educar.

Em 1988, com o surgimento da nova Constituição Federal e o Brasil entrando no processo de redemocratização, a educação agora era obrigatória e gratuita para todas as pessoas inclusive para Jovens e Adultos; no artigo 205 consta o seguinte: “A educação é direito de todos e dever do



Estado e da Família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, p. 99)”

Podemos perceber através dessa grande mudança uma preocupação com o analfabetismo, com o ensino e principalmente com a educação para todos ao se tornar obrigatória e para melhorar ainda mais as coisas, em 1996 com a LDB o ensino de jovens e adultos ganhou um patamar superior ao de grau, na LDB no artigo 37 consta: “A educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou oportunidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. (BRASIL, 1996, p.42)” Nesses processos de mudanças surgem mais programas que viabilizam uma erradicação maior no analfabetismo como o programa Brasil Alfabetizado (2003) que consta até os tempos atuais.

4.0 O ENSINO DE INGLÊS NA EJA

Para começarmos a entender o ensino na EJA, precisamos perceber que o método tradicional permeia os tempos atuais e que a educação de jovens e adultos, foi de uma certa forma afetada por essa metodologia pedagógica e que, até hoje essas correntes precisam ser quebradas, pois ainda há resquícios nas salas de aula do país. Este tipo de ensino prioriza o acúmulo de conhecimento e desmotiva os alunos na sala de aula ao desconsiderar sua realidade social, cultura e família descartando o sujeito como uma pessoa que pensa e tem identidade. Por isso devemos lembrar também que a EJA é uma modalidade de ensino que merece uma atenção diferenciada.

O ensino da EJA em línguas estrangeiras precisa ser desvinculado ao método e a postura tradicional do ensino, a educação tradicional impõem uma postura, uma posição desconexa com a realidade dos alunos. Depois este ensino precisa incluir o sujeito em um corpo global, universal, grupal. O ensino de inglês precisará ser uma ponte para conectar os jovens e adultos a este novo mundo, deverá “incluir(-se) em “conjunto, grupo), formando um todo coerente; incorporar(-se)” (HOUAISS, VILLAR, 2004, p. 422).

Nestes processos de ensino, logo após essa inclusão poderão ser trabalhados textos que integrem as palavras estrangeiras presente na realidade social-cultural, os diversos tipos de textos estrangeiros, propagandas, marcas famosas de uma variedade de objetos e produtos; nesta feita poderá ser inserido um tema tão atual chamado: letramento. Este consiste na dinâmica de trabalhar

textos que envolvem o contexto social dos alunos aplicando-os na sala; isso despertará com certeza a comunicação entre eles e entre o educador que mediará esses diálogos e mostrará a importância do inglês na vida do ser humano.

Textos que mostrem empregos, comidas, moradias demonstrarão que a língua estrangeira poderá melhorar a condição do brasileiro. Utilizando textos e provocando a oralidade, engajamos os alunos da EJA; trabalhamos as questões textuais, de letramento e a compressão de forma crítica e reflexiva, estimulando também a escrita dos alunos na língua estrangeira. Poderá da mesma forma serem trabalhados mini diálogos, expressões cotidianas, frases conhecidas na língua materna o ensino de inglês e principalmente na EJA “deve ser bem mais abrangente do que simplesmente ensinar estratégias e habilidades de compressão e produção orais e escritas” (MARQUES, 2010, p 17).

5.0 RESULTADOS E DISCURSÃO

Quando o professor inicia suas atividades na sala e se depara com alunos EJA a primeira coisa que ele poderá perceber é a falta de alunos. Muitos estão sem incentivo para estudar, principalmente a disciplina de inglês e os que estão na sala de aula, estão desmotivados a aprender e “a motivação” está relacionada com fatores como inibição, baixo auto estima, empatia, egocentrismo e quando o aluno está motivado, se vê capaz para evoluir em atividades maiores (LAGO, 2000). Por isso a desmotivação é a primeira dificuldade.

A segunda dificuldade a ser trabalhada é a incompreensão e a inutilidade do inglês “compreender a utilidade do que se está aprendendo é também fundamental” (BOCK, 1999, p .122) pois é importantíssimo demonstrar o sentido, utilidade e a compressão de como esta língua que está sendo ensinada é útil na vida de cada um deles.

Para que aprender inglês? O que ganho com isso? Isso vai me dar um emprego? Pra que estudar inglês? Perguntas como essas poderão ser frequentes nas salas de aula e caberá ao professor trabalhar aspectos de letramento, globalização, engajamento grupal e muitos outros métodos para dar um sentido; se “tem um sentido” relacionado a realidade dos alunos e suas “preocupações

imediatas dos alunos” (DE GRÈVER,1975, p.129,130) haverá então um ensino centralizado, dinâmico, prático e motivador.

Quarta dificuldade: a carência da escrita. Devemos entender que o exercício da escrita está de mãos dadas a leitura e suas práticas são fundamentais para a formação de uma nova linguagem na mente do aluno. Muitos alunos da EJA poderão sentir-se mais confortáveis escrevendo do que falando inicialmente e isso poderá facilitar os processos de aquisição da aprendizagem.

Quinta dificuldade: a ausência da leitura. Por vergonha, falta de motivação ou confiança na leitura da língua estrangeira, a fala, a escuta e comunicação travam, esses fenômenos bloqueiam a leitura e a pronuncia e poderão dificultar a aquisição do inglês e sua aprendizagem, porque a escrita e a leitura estão mescladas. O professor deverá integrar essas habilidades, porque quando o aluno consegue aprender por aquilo que ele leu, ao ler uma variedade de textos facilitará como e o que escrever (BROWN, 2007).

Sexta: a falta do caráter auditivo na sala de aula. Outra dificuldade que está ligada a fala; o ambiente e a realidade dos alunos EJA podem não ser favoráveis a prática da escuta; e quando realizados através de áudios gravados a focalização em querer entender palavra por palavra poderão dificultar a aprendizagem e não favorecer essa prática auditiva.

Sétima: a ausência da fala. Uma das dificuldades que todo iniciante de uma língua estrangeira possui e que também poderá ser o seu sonho ou pesadelo. Dificuldades como erros de pronuncia, desmotivação, autoconfiança, deverão ser fortemente trabalhados, dessa forma ele precisará entender que a língua inglesa é algo vivo e tem utilidade para o uso da comunicação dentro e fora da sala de aula.

Como os bebês aprendem? Comunicando-se. Vale salientar a importância social que a comunicação exerce. Muitas pessoas que não sabem escrever ou escrevem apenas seu nome, conseguem falar; da mesma maneira esta dificuldade pode aparecer em uma sala de alunos EJA ao qual, o professor se depare com alunos que saibam falar, mas não escrever corretamente, porém o fato de já desenvolverem diálogos é um grande passo para serem trabalhados os processos da fala, da escuta e introduzir as outras habilidades como uma espécie de alfabetização.

Mini diálogos, mini conversas muitas vezes não são abordadas na aula, apenas textos que não facilitam o desenvolvimento das outras habilidades principalmente da fala, da comunicação, da interação social. Outro ponto importante é a naturalidade da fala; os falantes não devem se preocupar com as sentenças e sim com as mensagens que expressam.

Oitava dificuldade: a má utilização da tradução. Vista como um mostro terrível que faz as aulas serem cansativas, a tradução é trabalhada ainda nos moldes da palavra por palavra e não sentido por sentido, o que dificulta ainda mais as nuances de uma língua para outra, principalmente ao se depararem com as expressões idiomáticas americanas, gírias e regras. Este obstáculo de se traduzir palavra por palavra poderá causar um certo distanciamento para o aluno EJA da sua realidade.

A tradução precisa ser uma abordagem comunicativa entre uma cultura e a outra, um indivíduo e o outro, sendo algo comunicativo ela poderá oferecer diversos usos para o educador melhorando a leitura e beneficiando ambas as línguas. Nona dificuldade: todos os professores se deparam muitas vezes com ela, o despreparo, seja ele acadêmico ou psicológico, para saber lidar com os alunos EJA ao ensinar uma língua estrangeira.

O resultado desta pesquisa de revisão bibliográfica resultaram em perceber que o educador precisa estar preparado para todos esses diagnósticos de dificuldades. Esta preparação antecipada permitirá um leque de possibilidades em uma sala de jovens e adultos, moldando a prática do ensino para a realidade dos alunos e as suas necessidades, minimizando todos os dias as dificuldades aqui apresentadas e tornando a aprendizagem da língua estrangeira mais divertida, compressível e mais prática possível facilitando a aprendizagem e assim por diante sua aquisição de forma plena e eficaz.

6.0 CONCLUSÃO

Ao se depararmos com tudo o que foi pesquisado, trabalhado, revisado e demonstrado pelos autores e pelas reflexões críticas percebemos a necessidade maior da imensidão de horizontes de pesquisas e possibilidades a serem trabalhadas com esses alunos. Concluiu-se então, que as dificuldades de aprendizagem de inglês aqui apresentadas mostram um diagnóstico não simplesmente negativo, mas também positivo e motivador, pois através destas análises o professor de línguas estrangeiras poderá ter uma compressão melhor de todo o universo destes alunos, trabalhando suas dificuldades e melhorando a qualidade do ensino e aprendizagem.

A nossa conclusão final portanto é que o um dos fatores mais importantes para a evolução do ensino de inglês na EJA é o desenvolvimento profissional e pessoal dos alunos e do educador paralelamente, afim de extinguir as dificuldades e alcançar uma plena aquisição da aprendizagem da língua estrangeira.



7.0 REFERÊNCIAS

BOCK, Ana M. Bahia (org). **Psicologias**: uma introdução ao estudo de Psicologia. 13ª ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BRASIL. **Constituição**: 1988: texto Constitucional de 5 de outubro de 1988 com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nº 1/92 a 15/96 e Emendas constitucionais de Revisão nº 1 a 6/94. – Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 1996

_____. **Lei nº 9394**. Diretrizes e Bases para Educação Básica Nacional. Brasília, 1996.

BROWN, Douglas H. **Teaching by Principles**: Na Interactive Approach to Language Pedagogy. United States of America: Pearson Longman, 2007.

DE GRÈVE, M.; VAN PASSEL, F. **Linguística e ensino de línguas estrangeiras**. São Paulo: Pioneira, 1975.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **História da educação brasileira**/Paulo Ghiraldelli JR. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008..

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: objetiva, 2003.

LAGO, S.N.A do. Explorando a auto- estima na aquisição de segunda língua. In: MELLO, H.A.B; DALACORTE, M. C. F. (Org.) **A sala de aula de língua estrangeira**. Goiânia: Editora UFG, 2000, p.83- 100.

MARQUES, F. S. Ensinar inglês: **o processo comunicativo na sala de aula**. Curitiba:ibpex,2011.

SOARES, Magda Becker. **Letrar é mais que alfabetizar**. Disponível em: <
<http://intervox.nce.ufrj.br/~edpaes/Magda.html>> Acesso em 12 de maio de 2017.